

Nota sobre algumas pontas-de-projétil da Amazônia*

Klaus Hilbert**

Apresentação

Pretendemos com esta nota, além de apresentar e descrever pontas líticas bifaciais, discutir os modelos do povoamento primitivo da Amazônia que usam estas pontas como artefato diagnóstico na definição de culturas arqueológicas pré-cerâmicas. Não serão discutidos aqui os sambaqui fluviais do baixo Amazonas, pesquisados esporadicamente desde o século XIX (Penna, 1876; Hartt, 1885; Hilbert, 1968; Roosevelt, et al., 1991). As evidências materiais de um povoamento da Amazônia, datado no período entre o fim do Pleistoceno e o início do Holoceno, limitavam-se, até alguns anos atrás, a poucas pontas líticas bifaciais: oito foram encontradas no baixo e médio rio Tapajós (Katzer, 1901, p. 39; Simões, 1976, p. 5-6; Hilbert, 1986, p. 3125; MPEG, 1986, p. 115, 117; Prous, 1991, p. 431; Roosevelt, 1996, p. 373), duas no rio Xingu (Coudreau, 1977, p. 68), e duas na ilha de Cotijuba, nas proximidades da cidade de Belém. Estas pontas foram incorporadas ao acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi em Belém-PA através de doações e somam um total de doze artefatos. Demais pontas são conhecidas da Guiana inglesa. Evans e Meggers (1960, p. 21) publicaram quatro exemplares e mencionaram outros que pertencem

* Esta pesquisa pôde ser realizada graças a uma bolsa de pesquisador visitante do CNPq durante os anos de 1988 e 1990 e com o apoio do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém-PA.

** Professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

cem à coleção do Museu de “British Guiana”. Uma ponta é conhecida do rio Ireng, (Mapa: nº 13) e três do rio Cuyuni, (Mapa: nº 14) ambas da Província de Essequibo. O contexto arqueológico destas pontas é desconhecido. Trata-se, em todos os casos aqui apresentados, de achados casuais que muitas vezes, por vias indiretas, foram doados aos Museus ou felizmente não desapareceram em coleções particulares ocultas.

Os sítios arqueológicos pré-cerâmicos

Entre os principais motivos que tentam explicar o número reduzido de sítios arqueológicos com ocupações pré-cerâmicas na região do Amazonas, alguns pesquisadores responsabilizam a densa cobertura vegetal da mata tropical que dificulta uma prospeção sistemática, e a escassez da matéria-prima adequada para a produção de artefatos líticos lascados (Evans; Meggers, 1960, p. 21; Simões, 1976, p. 2). Outros argumentos referem-se a pouca visibilidade arqueológica dos acampamentos dos caçadores-coletores pré-cerâmicos que, além de produzirem poucos vestígios líticos, pela escassez da matéria-prima, confeccionaram de preferência artefatos de madeira ou ossos, pela disponibilidade da matéria-prima, que se desintegram rapidamente nas condições climáticas tropicais (Hilbert, 1968, p. 255). Outros alertam que os sítios arqueológicos da região da várzea foram erodidos ou encontram-se cobertos por depósitos fluviais (Prous, 1991, p. 430). Mas, concordo com Roosevelt (1996, p. 375) que o motivo principal é a falta de preocupação científica que estas culturas arqueológicas pré-cerâmicas da região amazônica sofreram até poucos anos atrás. A maioria de sítios arqueológicos, principalmente nas várzeas do rio Amazonas e seus afluentes são locais de habitação de culturas ceramistas que sempre atraíram a atenção dos pesquisadores. O conhecimento da indústria lítica, entretanto, limita-se apenas a objetos artísticos como os muiraquitãs e os ídolos de jade da região de Santarém ou artefatos polidos como os fusos, abrasadores e os machados de pedra. Já as evidências de uma ocupação pleistocênica por caçadores-coletores são extremamente raras.

Um relato muito interessante sobre pontas-de-projétil é do naturalista brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira. Ele observou durante

uma pesquisa no rio Negro em 1783, na praia de São Felipe (Içana), nas proximidades do rio Uaupés, algumas pontas-de-projétil que ele atribui a uma população antiga.¹ Lamentavelmente, uma grande parte da coleção arqueológica e etnográfica de Ferreira desapareceu nas guerras napoleônicas durante a ocupação de Portugal (Wassén, 1970). Deste modo, não podemos mais ter certeza, se ele encontrou artefatos líticos com retoques bifaciais, ou algumas lascas ou estilhas sem modificações, freqüentemente usadas entre as populações indígenas da região como pontas-de-projétil (Ferreira, 1885, p. 188). As observações de Ferreira e sua interpretação deste achado mostra que este naturalista faz uma ligação entre as populações antigas e as atuais enfatizando assim, uma continuidade histórica e cultural no povoamento da Amazônia.

Diferente de Ferreira, Coudreau (1977, p. 68) publicou nos relatos de uma expedição ao rio Xingu no ano de 1896, uma grande ponta bifacial. (Mapa: nº 4). Ele não relaciona este achado à uma cultura pré-histórica amazônica, nem atual, mas interpreta este artefato como um elemento exógeno e de proveniência da região do sul, sugerindo assim um modelo de migração e uma rota para o povoamento pré-histórico da Amazônia.

O geólogo Katzer (1909, p. 39) apresentou num trabalho etnográfico três pontas bifaciais sem pedúnculo, junto com machados polidos do rio Cupary, da região do baixo Tapajós. (Mapa: nº 15). Ele entregou estes instrumentos líticos ao Museu Paraense Emílio Goeldi como sendo objetos da cultura dos índios Mundurukú. Katzer nem leva em consideração a possibilidade de que as pontas poderiam ser artefatos pré-históricos. Ao contrário, ele faz uma afiliação direta entre a cultura material arqueológica e o grupo étnico atual que ocupa a área pesquisada. Uma profundidade cronológica, para Katzer uma preocupação constante nas suas pesquisas geológicas, não é cogitada para as culturas amazônicas. Evidentemente, ele parte da hipótese de uma ocupação recente das populações indígenas nas terras baixas, cujas manifestações culturais permaneceram inalteradas desde então.

Simões (1976) publicou duas pontas bifaciais do médio Tapajós. (Mapas: nº 6 e nº 7). Apesar da quantidade reduzida das evidências de cultura material, da grande dispersão dos locais dos achados, das dife-

¹ “Na praia d’esta povoação achei enterradas as pontas das flechas, que fazião de pedra os gentios de outro tempo” (Ferreira, 1885, p. 188).

rencias tipológicas e da completa falta de um contexto arqueológico, Simões usa estes artefatos diagnósticos como “guias-fósseis” definindo culturas arqueológicas e cronologias. Mas sem o conhecimento exato do contexto arqueológico e das condições em quais foram encontradas, estas pontas líticas documentam apenas a existência de uma categoria de instrumentos líticos e não necessariamente presença de um determinado grupo de caçadores-coletores chamados de paleoíndios, definido através de pontas-de-projétil características.

Para comprovar um povoamento pleistocênico na Amazônia, tem que ser desenvolvidas outras estratégias de pesquisa e não aquelas até então praticadas, de definir apenas tipos e “guias-fósseis”. Os acampamentos dos caçadores-coletores devem ser encontrados e sistematicamente escavados. Mas a busca destes sítios arqueológicos torna-se uma tarefa difícil dentro do ambiente tropical, principalmente dos sítios a céu aberto, onde as condições geológicas são de fundamental importância na interpretação do estado de preservação do local. Estas dificuldades de investigar as estações e acampamentos de caçadores-coletores pleistocênicos dentro da Amazônia tropical, levaram muitos pesquisadores a procurarem abrigos e cavernas, como sítios arqueológicos em potencial (Prous, 1991, p. 430). Uma estratégia promissora, já que os únicos sítios datados no fim do Pleistoceno, início do Holoceno da região amazônica, encontram-se em abrigos e cavernas O “Abrigo do Sol” com uma datação de 14.700 ± 195 AP, a “Gruta do Gavião” na Serra do Carajás com 8.140 ± 130 AP anos e a “Caverna da Pedra Pintada” em Monte Alegre, com datas de 11.145 ± 135 AP anos, são exemplos desta linha de pesquisa.

O sítio arqueológico do “Abrigo do Sol” (MT-GU-1), situado nas encostas orientais da Chapada do Paresis do rio Guaporé, no Estado do Mato Grosso, foi escavado por Miller em 1977, como uma atividade dentro do projeto de pesquisa PROPA (Programa Paleoindígena). Miller (1987, p. 41) observou duas unidades estratigráficas diferentes. A primeira, até uma profundidade de 430 cm, é formada por um solo arenoso de coloração cinza clara, com poucos e pequenos fragmentos de arenito. Na parte superior desta unidade foram exumados fragmentos cerâmicos e instrumentos líticos em basalto e arenito. Para a porção inferior existe uma datação de carbono 14 de 7.970 ± 75 AP (SI-3475). A segunda unidade estratigráfica foi escavada até uma profundidade de 800 cm, sem encontrar as camadas iniciais da ocupação

do abrigo. Na transição entre as duas unidades, Miller observou um paleosolo datado por carbono 14 entre 8.930 ± 100 AP (SI-3736) e 10.600 ± 130 AP (N-3223). Do segmento em baixo deste paleosolo, entre 540 cm e 550 cm, numa camada arenosa de cor cinza, existem mais duas datações de 11.800 ± 110 AP (N-3226) e de 12.300 ± 95 AP (SI-3477). Da passagem gradativa entre este solo cinzento e um solo de cinza claro, foram obtidos mais duas amostras de carbono 14 com uma datação de 14.470 ± 450 AP (SI-3738) e 14.700 ± 195 AP (N-2359). Os artefatos líticos foram confeccionados a partir de um basalto local e de arenito metamorfozido. Os objetos em basalto representam a maioria dos achados. Menos frequentes são artefatos em quartzo e em calcedônia. Instrumentos retocados são raros. Predominam as unidades técnico-tipológicas chamadas de raspadores simples, raspadores plano-convexos, lascas com marcas de uso e seixos com marcas de percussão. (Mapa: nº 11).

A “Gruta do Gavião” foi descoberta meados da década de oitenta durante o projeto de resgate arqueológico da Serra do Carajás por pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi (Lopes, 1985; Simões, 1986; Lopes, 1985; Lopes et al., 1985, 1986; Hilbert, 1989; Magalhães, 1989, 1993, 1994). Duas unidades antrópicas foram observadas: a primeira, com aproximadamente 10 cm de profundidade, continha objetos cerâmicos e líticos, junto a restos de fogueiras que forneceram uma datação de 2.900 ± 90 AP. e uma segunda, pré-cerâmica até uma profundidade de 35 cm, com uma data de 8.140 ± 130 AP. Entre as vasilhas cerâmicas predominam as formas globulares e subglobulares com incisões simples na borda. A indústria lítica do nível pré-cerâmico é confeccionada a partir de cristais de quartzo hialino, ametista e citrino. Os cristais foram lascados exclusivamente pela técnica bipolar. Nos instrumentos líticos encontram-se raspadores com modificações laterais e terminais. Pontas bifaciais ou outros instrumentos elaborados na técnica bifacial não foram encontrados. Além de vestígios cerâmicos e líticos, foram exumados nas camadas inferiores deste sítio, restos de alimentação. A análise deste material revelou aspectos importantes sobre o cotidiano dos caçadores-coletores da Serra do Carajás e seus hábitos alimentares (Imasio, 1994). (Mapa: nº 10).

O complexo de cavernas de arenito com pinturas rupestres da região de Monte Alegre-PA é conhecido desde o século XIX (Wallace, 1889; Hartt, 1898; Katzer, 1903, Consens, 1989). Dentro de seu projeto de pesquisa do baixo Amazonas, Roosevelt (1996) escavou a caverna da Pedra Pintada, com o objetivo de datar as pontas-de-projétil bifaciais, encontradas sem contexto e analisar um local estratificado onde estas pontas paleoindígenas foram produzidas. Ela definiu quatro unidades geo-arqueológicas, divididas em vinte camadas.

A primeira unidade é de 65 cm e pertence a uma seqüência de três ocupações de grupos ceramistas do holoceno. A mais recente ocupação ceramista foi relacionada ao horizonte cultural Inciso-Ponteadado. Em seguida foram encontrados vestígios da cultura Aroxí, relacionada com horizontes culturais do período formativo, com datações entre 4.000 e 3.230 AP, juntos com restos de alimentação e indícios de cultivo de mandioca. A mais antiga ocupação ceramista, datada entre 7.580 AP por carbono 14, e de 4.710 ± 375 AP por termoluminescência, pertence a cultura local de Paituna, com uma cerâmica globular, antiplástico de areia e conchas e uma decoração com incisões e ponteados profundos.

A próxima unida tinha uma espessura de 30 cm e foi constatada arqueologicamente estéril. A unidade atribuída a ocupação paleoindígena é composta por duas camadas: uma de areia cinza escura com 5 até 20 cm de espessura e uma outra camada, inferior, de areia preta entre 10 e 25 cm. Quatro períodos paleoindígenas foram definidos através do material lítico encontrado. A maioria do material (30.000 fragmentos) foi lascado em calcedônia e quartzo. Entre os poucos instrumentos encontrados, dez mostram modificações bifaciais e quatorze artefatos com retoques unifaciais do tipo lesmas. As datações variam entre 11.145 ± 135 AP (GX17413) e 10.000 ± 60 AP (GX19539CAMS). A arte rupestre estilizada da caverna é atribuída a esta cultura paleoindígena, chamada de Monte Alegre.

A última unidade geo-arqueológica tem 50 cm de espessura e é composta por areia e blocos de pedra que se desprenderam do teto da caverna. Nesta unidade não foram encontrados vestígios arqueológicos.

Com mais de cinquenta datações e várias análises detalhadas dos restos orgânicos da caverna, Roosevelt apresenta uma grande quantidade de dados e pela primeira vez será possível uma reconstrução mais detalhada da cultura paleoindígena da Amazônia. (Mapa: nº 12).

Descrição das pontas-de-projétil

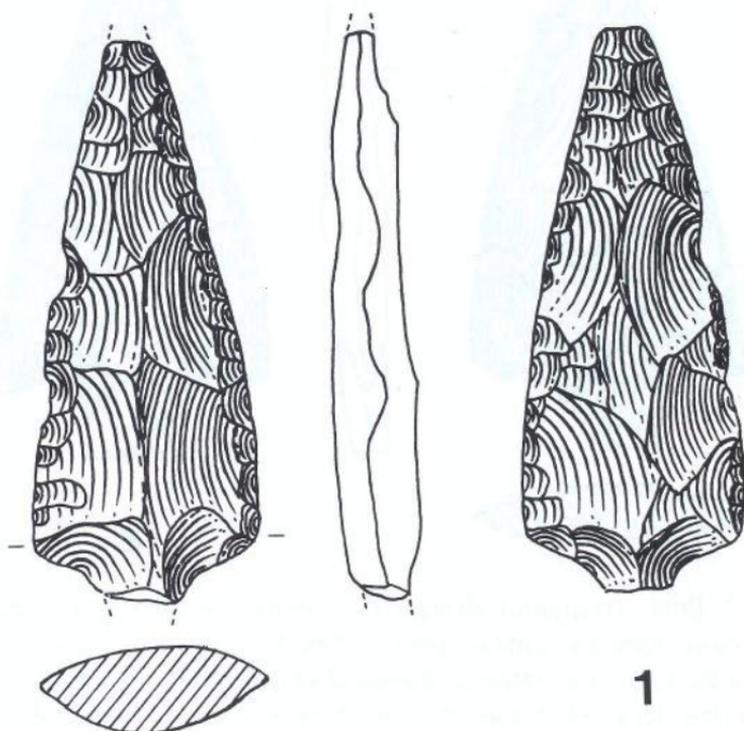


Figura 1. Trata-se de uma ponta triangular alongada de quartzita verde escuro, sem aletas e fragmentada tanto na ponta como na sua base peduncular. As laterais mostram um acabamento contínuo, regular e recíproco no lado ventral e dorsal. As cicatrizes dos retoques de preparação são grandes, mas não ultrapassam o centro do artefato, deixando assim a ponta relativamente espessa. O pedúnculo foi elaborado através de um retoque tipo “encoche” profundo, sem acabamento secundário. Este artefato foi incorporado junto com a ponta nº 2 ao acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi em 1977. A ponta foi encontrada na “Fazenda do Arruda” na ilha de Cotijuba, situada entre a ilha de Marajó e a cidade de Belém-PA. (MPEG, coleção arqueologia, catálogo nº 1902. Comprimento: 71 mm; largura: 28 mm; espessura: 11 mm; peso: 22 g). (Mapa: nº 1).

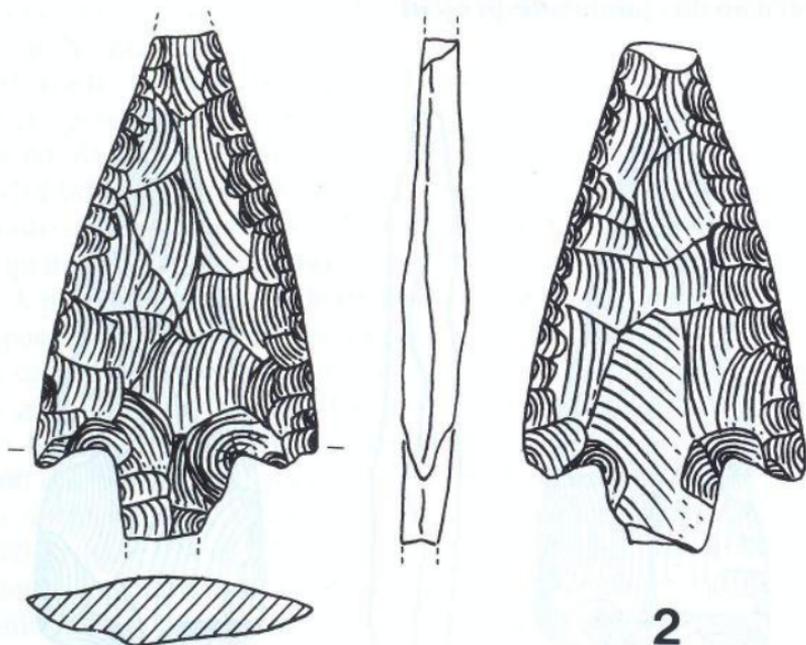


Figura 2. Ponta triangular alongada, de matéria-prima sílica, marrom escuro com manchas cinzas, provavelmente causadas pela ação secundária de fogo; encontra-se fragmentada na ponta, no pedúnculo e em uma das aletas. Os retoques de acabamento são aplicados de forma recíproca, tanto no lado ventral como no dorsal. Os negativos de preparação são grandes e envolventes, ultrapassando a porção média da face do objeto. Cicatrizes de retoques do tipo “enchoche” marcam as aletas da ponta. O acabamento do pedúnculo e das aletas foi aplicado após este retoque profundo lateral. Um leve estreitamento dos cantos na parte superior do artefato pode ser interpretado como resultado de um possível reavivamento posterior da parte ativa da ponta. Este artefato foi encontrado junto com a ponta nº 1 e doado ao Museu Paraense Emílio Goeldi em 1977. Esta ponta foi coletada na “Fazenda do Arruda” na ilha de Cotijuba, nas proximidades da cidade de Belém-PA. (MPEG, coleção arqueologia, catálogo nº 1901. Comprimento: 61 mm; largura: 34 mm; espessura: 9 mm; peso: 16 g). (Mapa: nº 2).

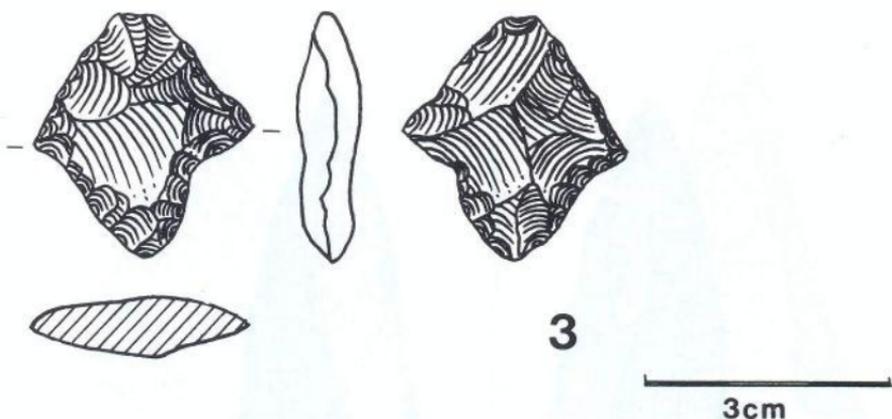
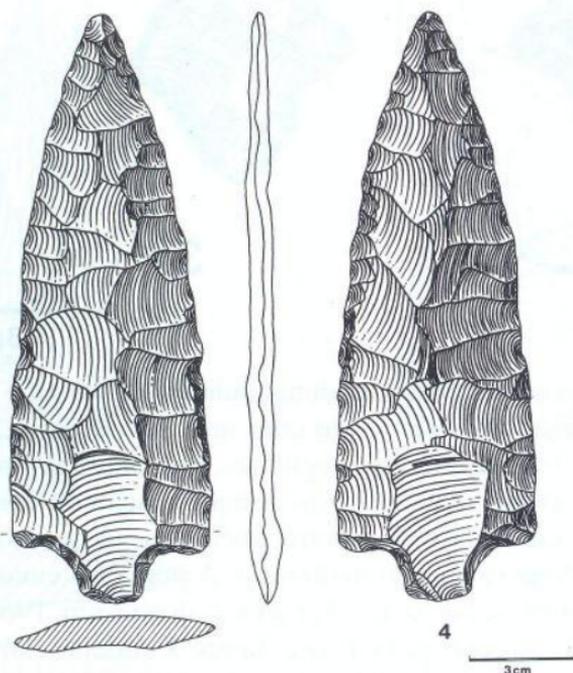


Figura 3. A pequena ponta pedunculada, com retoque bifacial em sílex, de coloração castanho claro com manchas escuras semitransparente, mostra retoques laterais irregulares, indicando um reavivamento repetitivo da parte ativa do artefato. A manutenção do instrumento foi provavelmente efetuada com a ponta encabada, já que o retoque lateral do pedúnculo permaneceu inalterado. A ponta foi encontrada numa praia de Santarém sobre o rio Tapajós e doada em 1969 ao Museu Paraense Emílio Goeldi pelo Padre Jaime Candela. (MPEG, coleção arqueologia, catálogo n.º 1490. Comprimento: 31 mm; largura: 28 mm; espessura: 7 mm; peso: 6 g). (Mapa: n.º 3).

Figura 4. Trata-se de uma grande ponta bifacial pedunculada em sílex. Sua superfície é fortemente alterada e arredondada como se ela estivesse permanecido durante muito tempo sob a ação de água. O pedúnculo é pequeno com cicatrizes de retoques em canaletas grandes do tipo das pontas “rabo de peixe” (Bird, 1946; Hilbert, 1991). O pedúnculo foi elaborado com modificações regulares e subseqüentes, sem retoques “encoche”. As alterações de preparação são envolventes, ultrapassando a porção média do instrumento, deixando assim o corte transversal da peça relativamente estreito. O acabamento lateral da ponta é irregular, composto de cicatrizes curtas e pequenas nas faces ventral e dorsal. Coudreau relata que ele encontrou esta ponta em 1896 junto com outros objetos, dentro de uma casa dos índios Jurúna



abandonada no rio Xingu perto da cachoeira Comprida.² A pátina preta e a superfície arredondada são indícios característicos para objetos que permaneceram durante muito tempo dentro d'água. É muito provável então que os índios Jurúna tenham encontrado esta ponta dentro do rio e posteriormente abandonado dentro de sua habitação (Coudreau, 1977, p. 68, gravura 33). (MPEG, coleção antropologia, catálogo nº 5548. Comprimento: 174 mm; largura: 58 mm; espessura: 10 mm). (Mapa: nº 4).

² “Numa ilha situada pouco acima, faço nova colheita de objetos etnográficos. Sob uma dezena de tijupás repartidos em dois acampamentos na mirra da floresta da ilha, recolho vinte e duas amostras do artesanato juruna, alguns dos quais até artísticos: esculturas em madeira! Encontro inclusive uma ponta de lança em pedra trabalhada, proveniente, sem dúvida alguma, das regiões do sul. Uma curiosidade a respeito da qual prefiro abster-me completamente de discutir são as teorias relacionadas com a probabilidade ou não da existência autóctone da pedra trabalhada na América. Prefiro restringir-me à exibição da fotografia do documento” (Coudreau, 1977, p. 68).

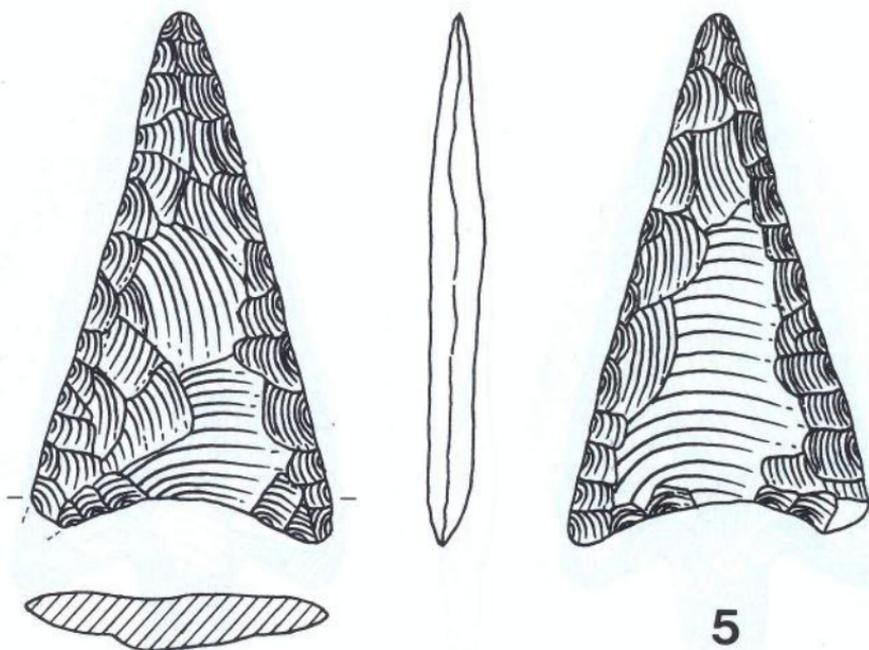


Figura 5. Esta ponta triangular sem pedúnculo, foi confeccionada em sílex castanho escuro. A superfície encontra-se arredondada e bastante alterada através de uma pátina profunda. A base desta ponta é côncava com grandes cicatrizes de lascamento em canaletas nos lados ventral e dorsal, ultrapassando a metade das faces. As modificações laterais mostram um acabamento cuidadoso. Através da retirada sucessiva de pequenas lascas, alternando os lados ventral e dorsal, obtém-se uma seqüência de retoques, formando um canto ondulado e mais efetivo. As laterais são levemente côncavas na parte superior do artefato. A ponta foi encontrada na lavagem de ouro no garimpo do Cuca, entre a gruta da Filomena e o Grotão, em São Félix do Xingu e foi doada ao Museu Paraense Emílio Goeldi em 1985. (MPEG, coleção arqueologia, catálogo nº 2479-I. Comprimento: 66 mm; largura: 38 mm; espessura: 6 mm; peso: 15 g). (Mapa: nº 5).

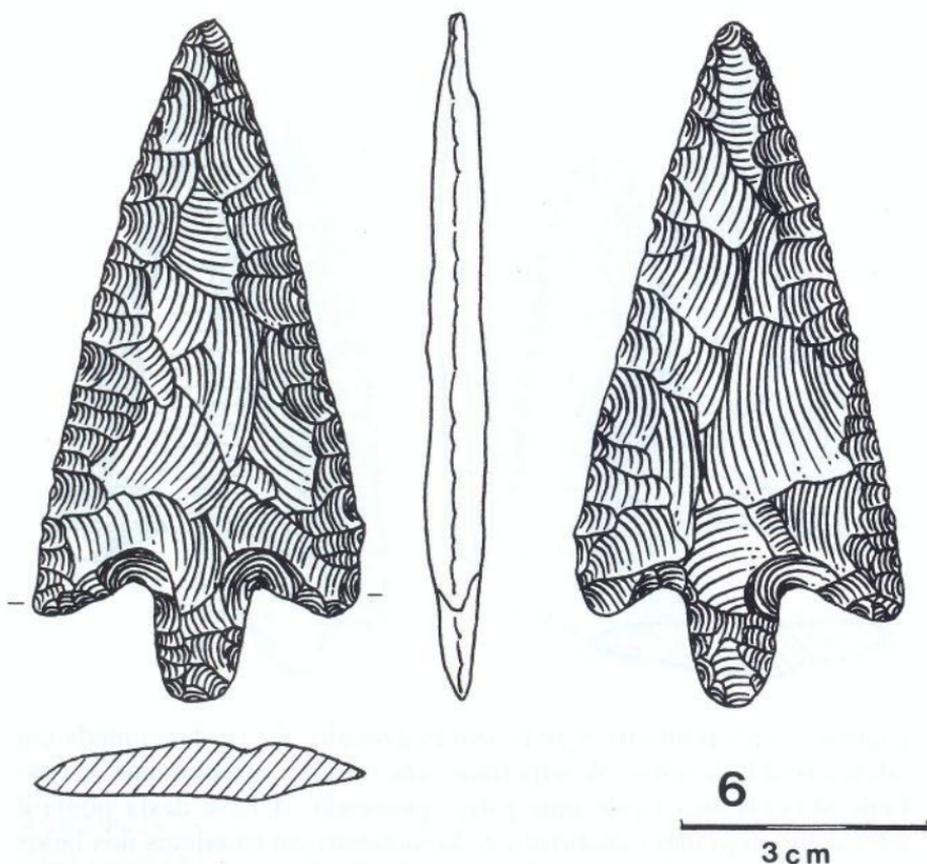


Figura 6. A ponta bifacial triangular alongada, em sílex castanho claro, tem um pequeno pedúnculo arredondado e aletas apontadas para baixo. As laterais mostram um retoque de acabamento cuidadoso, alternado entre as faces ventral e dorsal. Retoques do tipo “enchoche” separam as aletas do pedúnculo, que por sua vez foi modelado através de um retoque por pressão controlado. Este instrumento foi encontrado no cascalho durante a lavagem de casiterita no garimpo da gruta do Caçaba localizada na cabeceira do igarapé Tucano, afluente do igarapé Mutum que desemboca na sua margem direita no rio Tapajós. Uma equipe de geólogos do “Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social do Pará” que pesquisava na área, adquiriu a ponta e entregou-a em 1967 ao Museu Paraense Emílio Goeldi. (MPEG, coleção arqueologia, catálogo nº 1491. Comprimento: 86 mm; largura: 40 mm; espessura: 7 mm; peso: 19 g) (Simões, 1976, p. 6; MPEG, 1986, p. 117; Prous, 1991, p. 431; Roosevelt, 1996, p. 373). (Mapa: nº 6).

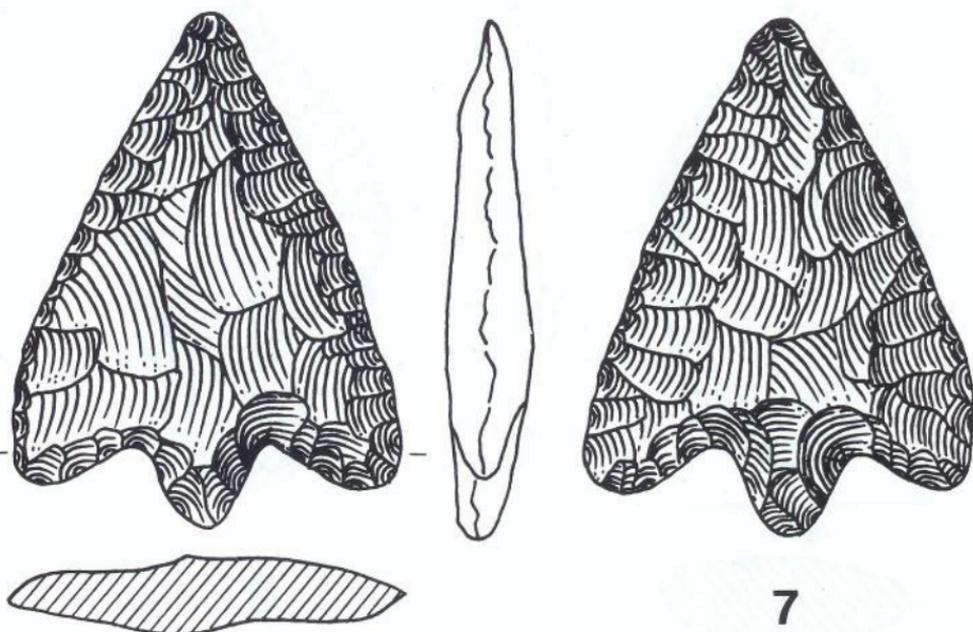
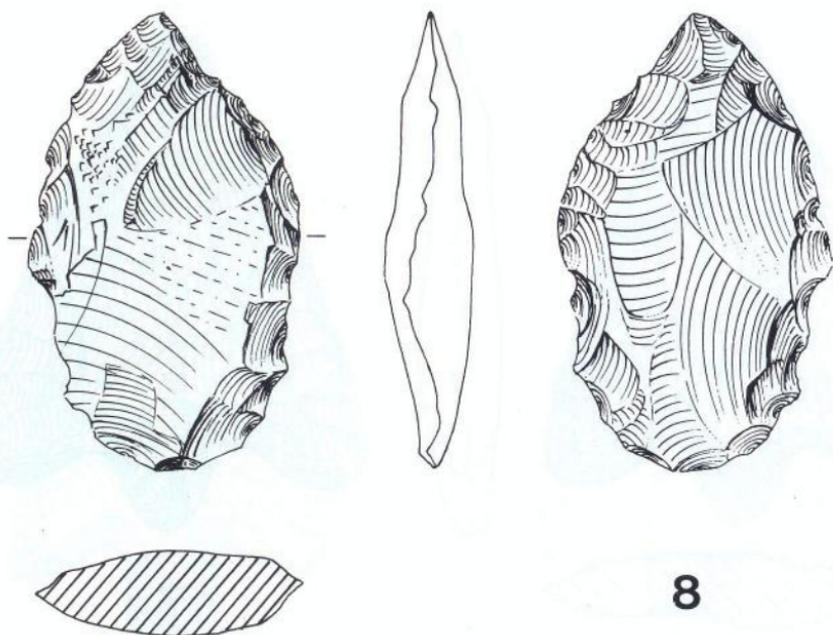


Figura 7. Trata-se de uma ponta bifacial com pedúnculo, elaborada em quartzo hialino. Modificações regulares e bem controladas formam um pedúnculo curto, arredondado e aletas grandes, assimétricas e inclinadas para baixo. Os negativos de preparação são envolventes, ultrapassando a porção central do artefato, enquanto os retoques laterais formam uma seqüência de cicatrizes alternada entre os lados ventral e dorsal da peça. Estes retoques finais são curtos e abruptos. O padre Francisco Angélico Milliert doou a ponta ao Museu Paraense Emílio Goeldi em 1958. De acordo com suas indicações, ela foi encontrada na margem esquerda do rio Tapajós, numa praia logo abaixo da cachoeira do Chacorão. (MPEG, coleção arqueologia, catálogo nº 1273. Comprimento: 64 mm; largura: 48 mm; espessura: 10 mm; peso: 26 g) (Simões, 1976, p. 6; MPEG, 1986, p. 115; Prous, 1991, p. 431; Roosevelt, 1996, p. 373). (Mapa: nº 7).



8

Figura 8. A ponta foleácea foi confeccionada em quartzo leitoso e retocada bifacialmente com negativos irregulares. As cicatrizes de preparação também se cruzam em várias direções, demonstrando pouca sistemática e cuidado durante seu lascamento. O acabamento final das laterais ocorreu principalmente na face ventral, enquanto que a face dorsal foi apenas modificada com uma série de retoques curtos e truncados. Assim o traçado dos cantos ganha um aspecto inacabado e irregular, prejudicando significativamente sua funcionalidade como ponta-de-projétil e deixando sua atuação como instrumento cortante mais provável. Esta ponta foi encontrada no fim da década de 50, junto com o exemplo 9, na Missão do rio Cururú, um afluente do rio Tapajós. O padre franciscano Alberto Kruse, chefe da missão, deu estas pontas de presente a Peter Paul Hilbert. (Comprimento: 60 mm; largura: 35 mm; espessura: 12 mm; peso: 21 g) (Hilbert, 1986, p. 3125). (Mapa: nº 8).

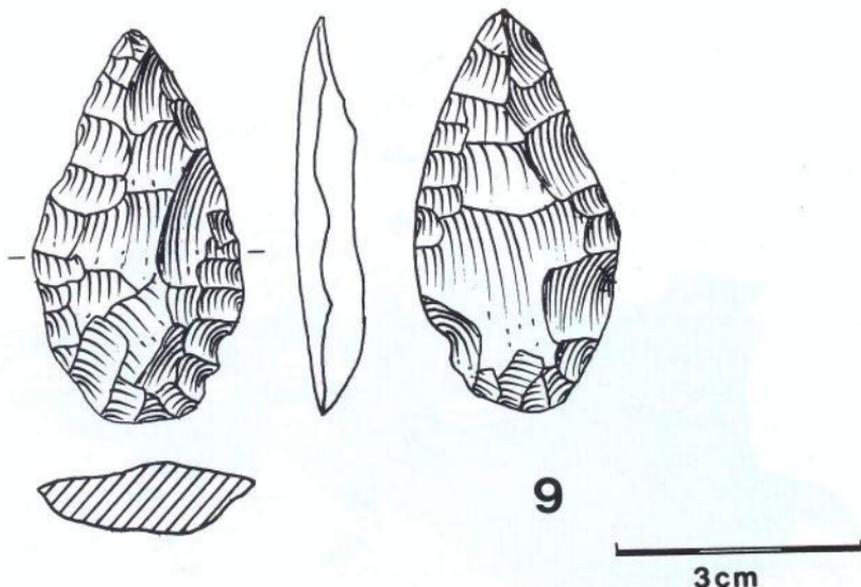
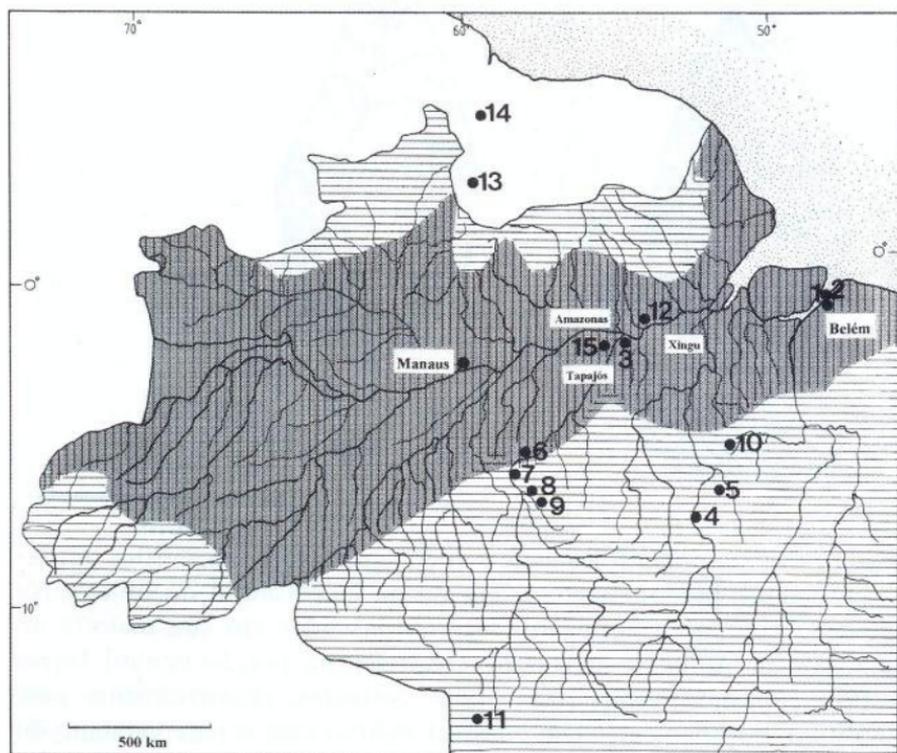


Figura 9. Esta ponta foleácea em rocha sílica marrom mostra um retoque lateral, predominante orientado na face ventral do objeto. Na base, ao contrário, os negativos foram lascados em sua maioria no lado dorsal. Algumas arestas de cicatrizes na porção central foram polidas, alisando assim estas partes cortantes, provavelmente para facilitar o encabamento. Um possível indício para o reavivamento do artefato são os retoques irregulares e curtos na ponta. O artefato foi encontrado, junto com a peça n.º 8, no fim da década de 50, na missão do rio Cururú, afluente do rio Tapajós. Padre Alberto Kruse ofereceu esta ponta a Peter Paul Hilbert no início dos anos 60. (Comprimento: 50 mm; largura: 26 mm; espessura: 8 mm; peso: 9 g) (Hilbert, 1986 p. 3125). (Mapa: n.º 9).



Mapa: Localização dos sítios arqueológicos

1. Fazenda do Arruda, Ilha de Cotijuba (PA), MPEG, cat.: 1901.
2. Fazenda do Arruda, Ilha de Cotijuba (PA), MPEG, cat.: 1902.
3. Praia de Santarém (PA), MPEG, cat.: 1490.
4. Carreira Comprida, rio Xingu (PA), MPEG, cat.: 5548.
5. Garimpo do Cica, São Félix do Xingu (PA), cat.: 2479.
6. Gruta do Caçaba, garimpo Maloquinha, rio Tapajós (PA), MPEG, cat.: 1491.
7. Cachoeira do Chacorão, rio Tapajós (PA), MPEG, cat.: 1273.
8. Missão do rio Cururú, rio Tapajós (PA), (Hilbert, 1986, p. 3125).
9. Missão do rio Cururú, rio Tapajós (PA), (Hilbert, 1986, p. 3125).
10. Gruta do Gavião (PA-AT-69), (Simões, 1986; Hilbert, 1989; Magalhães, 1993).
11. Abrigo do Sol (MT-GU-1), (Miller, 1987).
12. Caverna da Pedra Pintada, Monte Alegre (PA), (Roosevelt, 1996).
13. Ireng River, Rupununi District, Guiana, (Evans; Meggers, 1960).
14. Cuyuni River, Mazuruni District, Guiana, (Evans; Meggers, 1960).
15. Rio Cupary, rio Tapajós (PA), (Katzner, 1909, p. 39).

Considerações finais

Os dados arqueológicos aqui apresentados mostram o pouco que sabemos sobre o período do povoamento mais antigo da Amazônia. Temos a disposição menos do que vinte de pontas-de-projétil para a região amazônica, todas sem contexto arqueológico, de formas e tamanhos diferentes e encontrados em diversos lugares entre a Várzea, Terra Firme e o Planalto Central. Somente nos últimos dez anos podemos acrescentar a estes dados algumas escavações sistemáticas efetuadas em cavernas e abrigos. Mencionamos o Abrigo do Sol no Mato Grosso, a Gruta do Gavião da Serra do Carajás e a Caverna da Pedra Pintada de Monte Alegre no Pará. Infelizmente, as informações disponíveis não passam de notas preliminares ou de relatórios inéditos.

Apesar das poucas evidências materiais, Simões (1976) sustenta a hipótese de um povoamento inicial da Amazônia por uma cultura paleoindígena com pontas-de-projétil bifaciais para toda região. Roosevelt (1996) apoia de certa forma esta hipótese ao usar estes instrumentos como “guias-fósseis” e correlacioná-los cronologicamente com os artefatos bifaciais que foram encontrados na Caverna da Pedra Pintada. Ela constrói, assim, um novo contexto arqueológico que faltava a estas pontas isoladas e dispersas. Mas estas pontas, ao não tratá-las como simples atributos diagnósticos e tipológicos, mostram uma diversidade tecno-tipológica tão grande e uma distribuição espacial tão dispersa que poderiam da mesma forma ser atribuídas a outras culturas arqueológicas em outras regiões, mas do mesmo período cronológico. A respeito do material lítico da Caverna da Pedra Pintada, apresentado por Roosevelt (1996, p. 378), na minha interpretação, o conjunto de artefatos tem mais semelhança com a indústria lítica da tradição Itaparica da região Central do Brasil, do que com qualquer uma das pontas bifaciais aqui mostradas. (Schmitz, 1987a, 1987b; Prous, 1991).

Acredito que a necessidade de uma pesquisa sistemática sobre o povoamento inicial da Amazônia é evidente. A retomada das análises de conjuntos arqueológicos já escavados, o estudo detalhado e a apresentação da cultura material de sítios arqueológicos como o do Abrigo do Sol e o da Gruta do Gavião poderiam marcar etapas iniciais e ampliar a base para uma nova discussão.

Referências bibliográficas

- BIRD, Junius B. The archaeology of Patagonia. In: STEWARD, Julian H. (Org.). *Handbook of South American Indians*. Washington D.C.: Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, 1946. v. 143, p. 17-24.
- CONSENS, Mario. Arte rupestre no Pará: análise de alguns sítio de Monte Alegre. *Dédalo*. São Paulo, Universidade de São Paulo, Publicação Avulsa, v. 1, p. 265-278. (Anais de 4ª. Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira).
- COUDREAU, Henri. *Viagem ao Xingu (1896)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977. 165 p.
- EVANS, Clifford, MEGGERS, Betty J. *Archaeological Investigations in British Guiana*. Washington D. C.: Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, 1960. v. 177, 418 p.
- FERREIRA, Alexandre R. Diário da viagem philosophica pela Capitania de São José do Rio Negro. *Revista do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brazil*, Rio de Janeiro, v. 48, p. 1-234, 1885.
- HARTT, Charles Frederic. Contribuições para a ethnologia do valle do Amazonas. *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 1-174, 1885.
- HARTT, Charles Frederic. Monte Alegre e Ererê. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia*. Belém, v. 2, p. 1-4, 1898.
- HILBERT, Klaus. Salvamento arqueológico na Gruta do Gavião (PA-AT-69), campanha de 1989. (Relatório CNPq).
- HILBERT, Klaus. *Aspectos de la arqueologia en el Uruguay*. Mainz: Philipp von Zabern, 1991. Kommission für Allgemeine und Vergleichende Archäologie des Deutschen Archäologischen Instituts, v. 44, 187 p. (AVA- Materialien).
- HILBERT, Peter Paul. Archäologie in Amazonien. In: PÖRTNER, R., NIEMEYER, H. G. (Orgs.). *Die großen Abenteuer der Archäologie*. Salzburg: Andreas & Andreas, 1986. p. 3122-3142.
- HILBERT, Peter Paul. *Archäologische Untersuchungen am mittleren Amazonas*. Berlin: Dietrich Reimer, 1968. 337p.
- IMASIO, Maura da Silveira. *Estudo sobre estratégias de subsistência de caçadores-coletores pré-históricos do sítio Gruta do Gavião, Carajás (Pará)*. São Paulo, 1994. 151 p. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1994.
- KATZER, Friedrich. Grundzüge der Geologie des unteren Amazonas-Gebietes (des Staates Pará in Brasilien). Leipzig: Max Weg, 1903. 298p.
- KATZER, Friedrich. Zur Ethnographie des Rio Tapajós. *Globus*, Braunschweig, v. 79, p. 37-41, 1909.
- LOPES, Daniel F. *Salvamento arqueológico em Carajás (PA)*. Sexto relatório preliminar. Museu Paraense Emílio Goeldi, Projeto Carajás (monografia), 1985.
- LOPES, Daniel F., MAGALHÃES, Marcos P., SILVEIRA, Maura I. Salvamento arqueológico em Carajás, PA: Considerações preliminares. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 1985, Goiânia. *Resumo...* Goiânia, 1985.

- LOPES, Daniel F., MAGALHÃES, Marcos P., SILVEIRA, Maura I. Salvamento arqueológico em Carajás, PA: Considerações preliminares. In: V ENCONTRO DE PESQUISADORES DA AMAZÔNIA, 1986, Belém do Pará. *Anais...* Belém do Pará: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1986. p. 33.
- MAGALHÃES, Marcos P. *Oito mil anos antes do presente*. Rio de Janeiro, 1989. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1989.
- MAGALHÃES, Marcos P. *O tempo arqueológico*. Belém do Pará: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993. 196 p. (Coleção Eduardo Galvão).
- MAGALHÃES, Marcos P. *Archaeology of Carajás. The prehistoric presence of man in Amazonia*. Rio de Janeiro: Companhia Vale do Rio Doce, 1994. 96 p.
- MILLER, Eurico Th. Pesquisas arqueológicas paleoindígenas no Brasil Ocidental. In: NUÑES, L., MEGGERS, B. J. (Orgs.). *Investigaciones Paleoindias al sur de la línea Ecuatorial*. Universidad de Norte de San Pedro de Atacama: Estudios Atacameños, v. 8, p. 37-61, 1987.
- MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI (MPEG). São Paulo: Banco Safra, 1986. 285p.
- PENNA, Domingos Ferreira. Breve notícia sobre sambaquis do Pará. *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 85-99, 1876.
- PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. 1. ed. Brasília: Editora da Universidade, 1991. 606 p.
- ROOSEVELT, Ana C. Paleoindian cave dwellers in the Amazon: The peopling of the Americas. *Science*, v. 272, p. 373-383, 1996.
- ROOSEVELT, Ana C., HOUSLEY, R. et al. Eighth millennium pottery from a prehistoric shell midden in the Brazilian Amazon. *Science*, v. 254, p. 1621-1624, 1991.
- SCHMITZ, Pedro I. Caçadores antigos no sudoeste de Goiás, Brasil. In: NUÑES, L., MEGGERS, B. J. (Orgs.). *Investigaciones Paleoindias al sur de la línea Ecuatorial*. Universidad de Norte de San Pedro de Atacama: Estudios Atacameños, v. 8, p. 16-35, 1987.
- SCHMITZ, Pedro I. Prehistoric hunters and gatherers of Brazil. *Journal of World Prehistory*, v. 1, n. 1, p. 53-120, 1987.
- SIMÕES, Mário F. Nota sobre duas pontas-de-projétil da bacia do Tapajós (PA). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém do Pará, Antropologia, n.s., 62. jan. 1976. 14 p.
- SIMÕES, Mário F. Salvamento arqueológico de Carajás. In: ALMEIDA, José Maria Gonçalves (Org.). *Desafio político, ecologia e desenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 534-559.
- WALLACE, A. R. A narrative of travels on the Amazon and rio Negro, with an account of the native tribes. London: Ward, Lock & Co, 1889.
- WASSÉN, Henri. A naturalist's lost ethnographic collection from Brazil – or the case 1787. A contribution to the study of South American indian drugs. *Etnografiska Museet*, Göteborg, Arstryck, v. 1960, p. 32-52, 1970.